

YAROSLAV ČERNÝ: CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS DE EGITOLOGIA NA REPÚBLICA TCHECA E AO CONHECIMENTO DO COTIDIANO DOS OPERÁRIOS DE DEIR EL MEDINA^{1*}

Margaret M. Bakos^{**}

Resumo:

O presente artigo examina a participação de Yaroslav Cerny (1898-1970), egiptólogo da República Tcheca, na descoberta e na análise da vida cotidiana dos trabalhadores da vila de Deir el Medina. As fontes principais utilizadas no estudo são as correspondências trocadas entre Cerny e egiptólogos contemporâneos. Através delas, Cerny fala da sua investigação sobre as escritas antigas da vila em hieróglifos. Assim, a epistolografia é valorizada tanto como fonte histórica de um período longínquo, o Egito antigo, como da modernidade.

Palavras-chave: Deir el Medina, Yaroslav Cerny, epistolografia, historiografia tcheca.

Considerações preliminares

O papel de Yaroslav Cerny (1898-1970) na egiptologia internacional e na reconstituição da história da vila de Deir El Medina é pouco conhecido no Brasil. Por tal razão, julgou-se pertinente apresentar suas ideias e produção, objeto de investigação de pesquisa em desenvolvimento há

* Recebido em 15/09/2012 e aceito em 12/11/2012.

** Profa. adjunta do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) e da graduação em História da mesma universidade; Pós-doutora em Egiptologia (University College London); Doutora em História (USP); Bolsista de Produtividade do CNPq.

já bastantes anos, com vistas à divulgação de suas contribuições para o conhecimento da história e modo de vida dos operários do antigo Egito. A análise debruça-se, assim, sobre as informações por ele coletadas na epistolografia antiga, bem como sobre aquela por ele produzida sobre essa correspondência.

A presente exposição divide-se em três momentos: no primeiro, apresenta-se um breve histórico sobre a vila de Deir el Medina; no segundo, procura-se recuperar a história pessoal e profissional de Yaroslav Cerny; finalmente, nos apontamentos finais, confere-se o merecido destaque às análises por ele realizadas sobre a imensa, prolífica, diversificada e original massa de documentos do tipo *escrita de si*, de caráter epistolográfico, produzida na vila de Deir el Medina, que ele ajudou a descobrir e cuja história dedicou-se a desvelar.

Sobre a vila de Deir el Medina

A história da vila de Deir El Medina ganha sentido se considerada a relevância conferida pelos antigos egípcios aos enterramentos: na cosmovisão egípcia, acreditava-se em uma vida após a morte, se os corpos dos falecidos fossem protegidos por tumbas e se os vivos executassem os devidos rituais funerários. Daí por que, durante o Antigo e o Médio Império, era costume enterrarem-se os faraós e pessoas representativas em pirâmides, construídas junto à capital, Mênfis, tais como as de Gizah – Queops, Quefrem e Miquerinos –, hoje ícones do antigo Egito. As pirâmides eram consideradas símbolos do raio solar, a maior divindade egípcia, e os enterramentos nesses monumentos constituíam garantia da passagem à vida após a morte.

Com a invasão do Egito pelos hicsos por volta de 1640 a.C., os egípcios perceberam que a região do Delta era vulnerável aos ataques estrangeiros: ficavam, por isso, aterrorizados com a presença dos estrangeiros em seu país. Os hicsos, a seu turno, ao vencerem, por quase dois séculos, a resistência da XIII dinastia, criaram dinastias paralelas: a XV e XVI dinastias egípcias. Foi apenas na XVII dinastia que um príncipe da cidade de Tebas, Khamosis, conseguiu reunir forças de resistência suficientes para derrotar os Reis Pastores, apelido conferido aos invasores, e destruir seu reduto, Avaris, no Delta. Na sequência, os príncipes vitoriosos de Tebas fundaram a XVIII dinastia e transferiram a capital para área tebana, ao sul do Egito, na fronteira com a Núbia. Ali, eles passaram a enterrar os seus

mortos no sopé das montanhas, cuja forma piramidal, como se pode ver a seguir, constituía o contexto ideal para os enterramentos: são os famosos Vales dos Reis, das Rainhas e dos Nobres.

É importante frisar que toda a região do Alto Egito é circundada por altas montanhas de pedra calcárea, com respeitáveis penhascos. Dentre todos esses, o de El Qurn, cujo formato evoca o de uma pirâmide (ZIEGLER, 2012), pode ser admirado na sequência.

Ahmose I (1560-1520), filho de Khamosis, o faraó vencedor, foi sucedido pelo Amenófis I, um dos artífices da nova fase imperial, razão pela qual é considerado o patrono da vila de Deir el Medina, juntamente com sua mãe, Amósis Nofretari.

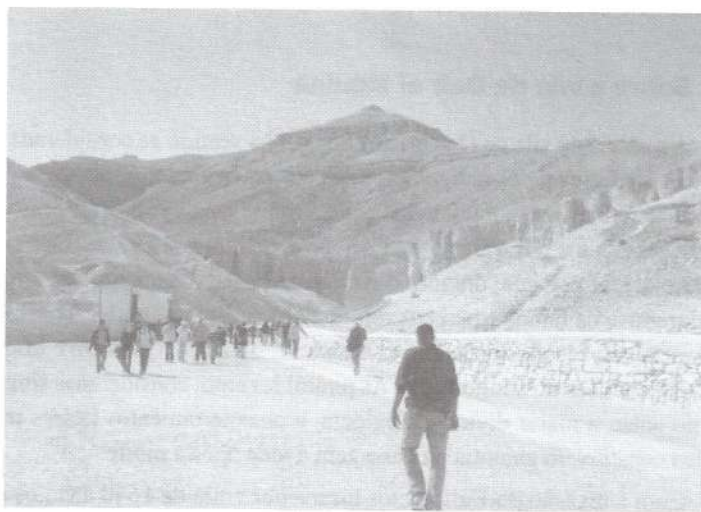


Figura 1: Forma piramidal das montanhas de calcário da região tebana
(foto da autora)

Entretanto, tudo indica ter sido Tutmés I, o 3º rei da XVIII dinastia, quem, em 1540 a.C., mesmo sem pertencer à família real, mas na condição de comandante vitorioso do exército, foi o verdadeiro fundador de Deir el Medina. Sobre essa questão, há consenso na historiografia, a despeito de a decisão em relação ao local a ser escolhido para a construção da tumba desse faraó ter sido fator determinante na definição do lugar de habitação dos operários da vila de Deir el Medina.

O filho do faraó – Tutmés II – era casado com sua meio-irmã, Hatsepsut, que usurpou, por vinte anos, o direito ao trono de seu filho, Tutmés III. Hatsepsut, que se autointitulava faraona por direito divino (ZIEGLER, 2012), além de construir o fabuloso templo de Deir el-Bahari, estabeleceu conexões econômicas, jamais articuladas até então, entre o Egito e seu entorno geopolítico, iniciando a fase imperialista do Egito, posteriormente levada ao extremo por seu enteado, Tutmés III, cognominado o *Napoleão do Egito*.

Vale ainda destacar a relevância do papel desempenhado por Horemheb, sucessor de Tutankhamon, na história da vila de Deir el Medina, pois foi ele quem refez o sítio após um período de abandono, quando a corte de Akhenaton se exilou em Amarna, capital por ele construída (1553-1335). Os egiptólogos Bruyère e Wooley, segundo informa Keller, constataram que, durante o período de construção de Amarna, os melhores trabalhadores de Deir el Medina foram levados para lá, o que pode ser comprovado pelo reduzido número de tumbas construídas nessa época em Medina e pela parca opulência desses monumentos; da mesma forma, são essas edificações que dizem da lenta volta dos trabalhadores de Amarna para Medina (KELLER, 1971, p.24).

Nos início do reinado de Ramsés III (1194-1163 a.C.), há fortes indícios da decadência do local, assim como, segundo Keller, a rápida ascensão do valor dos cereais (KELLER, 1971, p.32). Desse período resta, inclusive, um censo, revelando a presença de 120 lares e de mais ou menos 1200 habitantes na vila (TOSI, 1972, p.II). Em Deir el Medina, inúmeras relações cronológicas podem ser estabelecidas a partir do levantamento do registro do nome de operários em óstracos e papiros.

No período da dominação macedônica no Egito, foi construído por Ptolomeu V (205-180 a.C.), na área da vila, um templo em honra à deusa Hathor. Essa edificação, no decorrer da fase romana cristã (IV-VII d.C.) transformou-se em um mosteiro, que, com a conquista dos árabes muçulmanos, foi encoberto pelas areias do deserto. O sítio foi trazido a lume ao ser incluído em um mapa sobre o Egito antigo, confeccionado pelo padre Claude Sicard (1677-1726). O primeiro objeto com procedência identificada de Deir el Medina foi encontrado em 1777 no mercado de antiguidades, sendo adquirido por um monge italiano.

Graças ao papel desempenhado pelas areias na conservação da vila, poucos sítios arqueológicos do Egito faraônico permitem atualmente uma

evocação visual tão clara do seu passado como Deir el Medina (BAKOS, 2009), um lugar pequeno – de apenas 1 ½ hec –, hoje totalmente escavado.

Deir el Medina situava-se no Alto Egito, em um pequeno e estreito vale, à margem esquerda do Nilo, em frente Tebas, cidade desenvolvida à margem direita do rio. Ocupava a área compreendida entre dois santuários: Karnak, ao norte, e Luxor, ao sul – um distante do outro por aproximadamente 4 km, havendo permanecido com essa configuração por cerca de 450 anos, o que abarca o período da XIX e da XX dinastia. A vila viveu sua fase de maior prosperidade no decorrer da XIX dinastia.

O primeiro trabalho arqueológico ali realizado em grande escala foi dirigido por Ernesto Schiaparelli (1856-1928),² que lhe trouxe reconhecimento internacional (BIERBRIER, 1995,377-378). Em 1886, quando a escavação era realizada sob a direção de Gaston Maspero (1846-1916), foi encontrada a tumba intacta de Sennedjem, a única localizada nessas condições (SANTOS, 2011, p. 168). As escavações mais recentes realizadas em Deir el Medina ficaram ao encargo do Institut Français d'Archeology Orientale, havendo-se iniciado em 1917, sob a direção de Bernard Bruyère (1879-1971).³ Em 1925, juntou-se a essa equipe o filólogo de origem tcheca Jaroslav Cerny (1898-1970). Cabe ressaltar ainda o importante trabalho empreendido no início do séc. XX, entre os anos de 1911 e 1913, por uma equipe alemã sob a direção de Georg Moller (1876-1921).

São poucos os textos que fornecem informações sobre os operários que construíram as pirâmides, mas há muitos sobre a vila de Deir el Medina, principalmente graças aos 40 anos de trabalho de Bernard Bruyère e sua equipe, como bem destaca Madeleine della Monica (MONICA, 1973, p.6).

Sobre Yaroslav Cerny

Yaroslav Cerny nasceu na cidade de Pilsen, em 22 de agosto de 1898, quando a República Tcheca ainda fazia parte do mais diversificado dos impérios da modernidade, o austro-húngaro, governado pelos Habsburgos. A cidade mais importante à época era Viena; e Praga, como é natural, sofria forte influência da cultura germânica, tendo o ensino de alemão nas escolas, o que tornou possível a Cerny estudar filologia e escrita cóptica com Jean Erman (1854-1937), em Berlim. A família de Cerny, ainda em sua infância, mudou-se do vilarejo de Pilsen para Kosire. Em razão disso, Yaroslav recebeu uma excelente formação e vivenciou a efervescente onda

de invenções que modificaram o estilo de vida dos seus contemporâneos, tais como a luz elétrica, os automóveis e os primeiros filmes.

Irina Ruzova,⁴ biógrafa de Cerny, ressalta que pouco se sabe sobre a sua infância, mas dela ficou o registro de um fato da maior importância: com a idade de apenas oito anos, Cerny já era capaz de desenhar os hieróglifos, mesmo sendo filho de uma mãe dedicada às lides domésticas e de um pai funcionário dos Correios.

Entretanto, o mentor de Cerny, ainda no quarto ano primário, indicou-lhe uma leitura, fundamental para despertar seu interesse pelo Egito Antigo: o livro de Justin Prásek, **Study of the Ancient Eastern Nations**. Posteriormente, Cerny veio a conhecer Prásek pessoalmente, e assim descreveu seu encontro com ele:

Eu me senti obrigado a lhe agradecer porque o seu trabalho acadêmico me abriu os horizontes em Egiptologia e me ensinou que outros além de Champollion e Brugsch, tais como Erman, Sethe, Steindorff, etc, me envolveram em uma série de questões as quais a Egiptologia estava perguntando naquele tempo. (RUZOVA, 2010, p.153)

Cerny terminou a escola primária em 1909, e a secundária em 1919. Durante todo esse tempo fazia leituras sobre o Egito. Como a bibliografia sobre o tema era escassa em Pilsen, durante as férias visitava o professor Erman e fazia pesquisas na Biblioteca Imperial, em Berlim.

Em 1917, com 19 anos, já sabia ler os hieróglifos, entendia sua gramática e traduzia os textos egípcios clássicos. Foi admitido na Charles University de Praga por indicação de Erman, que também o aconselhou a procurar o professor Frantisek Lexa (1876-1960). Sob a orientação de Lexa, dedicou os primeiros quatro semestres ao estudo da filologia clássica. Para se manter, foi trabalhar em um banco (RUZOVA, 2010, p.154), cujo diretor foi por ele orientado durante uma viagem ao Egito, sendo também auxiliado na seleção de cópias de objetos do museu e na escolha de livros de arte. Nesse período, Cerny começou a escrever, ao término de seu expediente no banco, um livro sobre a necrópole de Tebas. Teve também uma namorada, mas, segundo Ruzova, o noivado logo se desfez.

Cerny apresentou sua tese de doutoramento em 20.12.1922, tornando-se doutor em Filosofia com a pesquisa intitulada **A vida dos traba-**

Ihadores da necrópole de Tebas. A partir de então, dedicou sua vida ao estudo de seu objeto maior de interesse: a egiptologia. Em 1922, visitou Turim e Viena; em 1923, Londres. No ano de 1923, recomendado por Frantisek Lexa, Cerny foi encarregado de traduzir óstracos em Viena. Em 1924, Cerny tornou a viajar para Turim e Florença, e, em 1926, foi para Oxford e Paris. Ruzova explica que essas viagens eram pagas com seu salário de bancário, mas que elas serviam, além do aprendizado, à divulgação de sua competência. Certamente, elas contribuíram para que o investigador participasse, em 1924, da Expedição Francesa ao Egito e passasse a ocupar, posteriormente, o posto mais alto da egiptologia inglesa, disputado por profissionais da categoria, por exemplo, de William de Faulkner (1894-1982).

A par das viagens, Cerny, em 1926, ministrou, juntamente com Lexa, o primeiro seminário sobre egiptologia em Praga e passou a desenvolver, a partir de 1928, o projeto de criação de uma biblioteca especializada na Charles University.

Lexa procurava favorecer a carreira de Cerny de várias formas, inclusive, segundo Ruzova, solicitando a Vladmir Hurban, embaixador no Cairo, que facilitasse sua participação nas escavações realizadas pelo Instituto Francês no Cairo. Segundo a biógrafa, Lexa teria escrito ao embaixador: "A egiptologia tcheca é boa para competir com qualquer outro país em egiptologia, pegue o garoto pelo cabelo!" (RUZOVA, 2010, p.159).

Segundo Ruzova, as origens da egiptologia tcheca fundam-se no trabalho de três grandes lideranças: Frantisek Lexa (1876-1960), Yaroslav Cerny (1898-1970) e Zbynek Zaba (1917-1971). Em 1949, eles promoveram em Praga um *International workshop em egiptologia* e uma grande exposição no Náprstek Museum. O país vivenciava, à época, sérios problemas decorrentes do regime comunista, como a requisição para que o povo se engajasse no trabalho físico braçal. Em 1951, por exemplo, Zaba foi convocado a prestar serviços nas minas de carvão em Kladno, então um pobre e minúsculo lugarejo.

Nessa época, Cerny continuava solteiro e afirmava ser contrário ao matrimônio, havendo, além disso, passado por uma série de problemas de saúde, principalmente de pele (como os eczemas), e sofrido uma cirurgia de apendicite, acompanhada de forte depressão.

Em 1950, Cerny recebeu convites dos EUA e de Oxford, onde já dava aulas de linguagens do Novo Reino, de demótico e cóptico. Em 1952,

escreveu sua aula inaugural **Ancient Egyptian Religion**, até hoje leitura obrigatória para todos os estudiosos de egiptologia. Em 1958, Lexa criou o Instituto Tchecoslovaco de Egiptologia em Praga e no Cairo. Cerny, que havia levado seus livros para a Inglaterra, trouxe-os em 1960 de volta, fazendo deles o núcleo de uma excelente biblioteca.

Sobre Cerny e Deir el Medina

As contribuições de Cerny para o conhecimento da história e modo de vida dos operários do antigo Egito começam em 1925, quando ele viajou na condição de estrangeiro, pela primeira vez, ao Egito, a convite do Instituto Francês de Arqueologia Oriental (IFAO), (BIERBRIER, p.89).⁵ Nessa ocasião, participou de escavações em Deir el Medina com Bernard Bruyère (1842-1919), George Posener (1906-1988) e outros estudiosos. Nesse mesmo ano, visitou as tumbas de Aswan e o obelisco inacabado (30.12.1925). Em 06.01.1926, registra o fato de haver copiado papiros fragmentados de Turim, descobertos por Schiaparelli (1856-1928) em Deir el Medina. Cerny tinha então 28 anos, e Battiscombe Gunn (1883-1950), excelente filólogo britânico apaixonado pelo Egito e versado em grego, latim, hebreu e árabe, 43 anos. Nessa época, Cerny escrevia com frequência a Lexa, contando em suas cartas sobre o seu cotidiano, sobre os novos conhecimentos adquiridos e sobre a rede de relações que estabelecia com pessoas muito eruditas.

No museu, conviveu com Vladmir Golenicheff (1856-1947), egiptólogo russo e seu vizinho de quarto, que dominava o conhecimento dos cuneiformes e dos hieróglifos, e era professor na Universidade do Cairo. Com ele, Cerny discutia a gramática egípcia, surpreendendo-se com as críticas de Golenicheff a Erman e a Kurt Sethe (1869-1934). Sabe-se dessas querelas pelas inúmeras cartas por ele enviadas principalmente a Lexa e a Zaba. Ele estabeleceu fortes laços de amizade com Gustave Lefebvre (1879-1957), especialista em papiros gregos, que lhe prestou muita ajuda, pois, como inspetor do Serviço de Antiguidades Egípcias, Lefebvre possibilitou-lhe o acesso a mais de 70 peças de óstracos em hierático, traduzidas por Cerny com perfeição. No desenvolvimento desse estudo, Cerny percebeu que as diferenças entre as suas transcrições e as feitas por Daressy (1864-1938) eram tantas, que desqualificavam as traduções desse último (RUZOVA, 2010, p.195). Lefebvre, desgostoso, queixou-se a Cerny sobre o sumiço de muitos óstracos: mostrando-lhe uma caixa deles, pediu-lhe que fizesse a tradução.

A rotina de Cerny consistia em, pela manhã, pesquisar no Museu do Cairo e, à noite, estudar na IFAO. Em dezembro, conseguiu quarto e refeições por preços reduzidos no Instituto – 12 a 13 pounds por mês – (RUZOVA, 2010, p.195). A proximidade com a biblioteca tornava sua vida mais fácil e permitia-lhe retirar livros emprestados. Além disso, participava também das escavações em Deir el Medina. Em 27.12.1925, viajou para o Alto Egito em companhia de Bernard Bruyère (1879-1971). Em Deir, como contava, viveu em uma casa construída por Schiaparelli. Entre os anos de 1922 e 1951, Bernard Bruyère dedicou-se às escavações na vila com Cerny e Georges Posener (<http://www.egypt-circe.com/article-deir-el-medina-el-pueblo-sin-nombre-80128395.html>).

Em detalhada carta de janeiro de 1926, Cerny assim expõe seus objetivos:

(1) *Fazer um plano das tumbas no Vale das Rainhas junto com os grafites não publicados que ele havia descoberto no vale;*

(2) *Copiar os grafites das rochas do Vale dos Reis, publicados por Spiegelberg, com vistas a completar com alguns que ele tivesse omitido. Winlock, que escavou em Deir el Bahari e cujo contato fiz, ofereceu-se para emprestar a publicação de Spiegelberg;*

(3) *Fazer uma descrição da vila dos trabalhadores, a qual está parcialmente encoberta e está no vale em frente da nossa casa (CERNY, 1973, p.196). Foi escavada pelos alemães Schiaparelli e Gauthier, mas nunca foi publicada.*

(4) *Copiar o calendário e textos de oferendas em Medinet Habu, com vistas a comparar com o papiro Harris; depois as fotografias e cópias dos filhos de Ramsés III, importantes para a cronologia da XX dinastia;*

(5) *Editar tudo o que for descoberto em hierático no curso das escavações do instituto na tumba de Deir el Medina. Não há muito, mas alguma informação oferece algum interesse.*

Nessa importante carta a Lexa, Cerny diz textualmente, ao final:

Os objetivos acima tornam claro que eu estou trabalhando muito com documentos em hierático, mas eu estou também tentando trabalhar com topografia e arqueologia. Eu caminho através das

necrópoles tebanas; assim, quando estou escrevendo o meu livro, eu tenho minha opinião sobre todas as localizações. Além do meu trabalho principal, eu estou juntando fragmentos de estátuas, inscrições, sarcófagos, vasos canópicos, relevos, os quais eu guardei de diversas lojas. Eu engatinhei através de tumbas diariamente, inalei poeira, há mais trabalho que suficiente! (CERNY, 1973, p.197)

Feliz no Egito, ele assim se expressa:

Quando meu amigo Bruyère trabalha no santuário da deusa Metetseger no Vale das Rainhas, há estudos para a reconstrução dos objetos que achamos. Eles não são muito numerosos, entretanto. Eu sei agora por certo que a maior parte dos da coleção do Museu de Turim, compradas por Drovetti (1776-1852), vieram de Deir el Medina(...) depois a vila se tornou uma mina de ouro para os árabes (...) Então Schiaparelli (1856-1928) veio, depois os alemães (Miller), finalmente Norey, e então apenas restos foram deixados para nós. (CERNY, 1973, p.198)

Cerny descreve suas experiências no trabalho cotidiano de uma maneira muito viva e espontânea. Em alguns momentos, seus relatos – como ressalta Ruzova, que publicou as cartas citadas em seu belíssimo livro **O escriba no Lugar da Verdade** – lembram as aventuras de Indiana Jones:

Na semana passada, os trabalhadores descobriram um poço, isto é, um lugar em que as múmias eram guardadas. Quando a passagem ficou suficientemente larga, Bruyère e eu descemos por ela com uma vela, papel e lápis, e uma fita métrica em nossas mãos. Dentro havia algumas pedras, um pouco de terra e múmias quase até o topo, assim tivemos que engatinhar apoiados nos joelhos, barrigas ou costas. Me apoiando em minhas mãos, eu estava todo o tempo me batendo em alguma múmia, ou ainda principalmente no torvelinho do pó de múmia, do qual exalava mau cheiro, provocava zumbido. É muito difícil para nós no contexto e no calor tão grande que o suor nos encharcava.

Embora mais forte fisicamente que eu, Bruyère algumas vezes cuspiu sangue. Assim, eu passei bem. Depois que fizemos a inspeção, os trabalhadores fizeram a limpeza do local. Eles conseguiram sepa-

rar um número de objetos mais ou menos bem preservados. Entre eles algumas 'scarfs – trapos' que continham os nomes do dono da tumba e do seu filho depois que conseguimos passar a ferro as mesmas. Minhas ostracas descobertas na tumba 6 confirmaram os dados. Essas eram as fontes, pois as estelas tinham sido levada para os museus de Turim, Louvre e Londres. (RUZOVA, 2010, p.198)

Em suas cartas, o pesquisador tcheco relata com detalhes sua rotina de trabalho. Fala, por exemplo, do desgosto sentido com o tratamento conferido às antiguidades. Em certa ocasião, segundo Cerny, precisaram diminuir a *gang* de 100 homens e 60 crianças para 20 homens e 40 crianças: revoltados com a redução, os trabalhadores quebraram uma estela, que, felizmente, já havia sido copiada (RUZOVA, 2010, p.201).

O egiptólogo inglês Alan Gardiner (1879-1963) teve um relevante papel na vida de Cerny, principalmente pelo apoio financeiro às suas pesquisas. A correspondência trocada entre eles configura-se como um *corpus* de excepcional importância, pois registra quase 40 anos de permuta de informações e experiências, contendo dados preciosos para a História da Egiptologia. As primeiras cartas preservadas datam de 1924, e as últimas são dos anos 60. Cerny remeteu-lhe cartas do Egito (Cairo, Luxor e Núbia) até o ano de 1946; de Praga, entre os anos de 1943 e 1945; do Edwards Chair em Londres; e, durante suas viagens pela Europa, para as residências de Gardiner em Londres e no interior, e, finalmente, para a sua casa em Oxford. Essas correspondências não fazem menção aos anos problemáticos de Cerny – 1942 e 1956-, ao período em que ele ficou exilado sem mínimas condições de vida, nem tampouco àqueles anos de ditadura em seu país.

Transcreve-se a seguir uma importante missiva enviada por Cerny ao amigo inglês, do Cairo, em 17.02.1933:

Caro Gardiner.

Eu deveria ter respondido de Deir el Medina quando sua gentil carta me chegou, mas como ela continha algumas questões a respeito dos óstracos no Cairo, eu fui obrigado a esperar até regressar ao Cairo. Estou novamente ocupado com os óstracos, tanto com aquelas no Museu, como com as do Instituto. Quanto às peças do Museu, o 3º fascículo está agora sendo impresso, o quarto está pronto e eu estou trabalhando no quinto (e último, eu temo). No que se refere aos

textos literários, eu encontrei, surpreendentemente, poucos deles: dois fragmentos de An. I, um de Lansing, um de Amenemope, alguns fragmentos de hinos, seu óstraco de Instruções (que leva o N° E/ ntrada/ 50249, ainda não catalogado), um fragmento do Glossário Golenisheff e um contendo um texto literário que acredito seja desconhecido. Para este último eu encontrei outro completo, mas muito rasurado, óstracon entre aqueles do Instituto. Como eu penso que o texto possa ser adequado para suas Miscelâneas L.E., incluo uma cópia à sua disposição.

O óstracon do Gloss Gol. é provavelmente idêntico ao que você copiou em Luxor muitos anos atrás. Eu o encontrei em uma pequena cesta em um quarto sujo no Museu junto a outros óstracos hieráticos e demóticos, todos trazidos para o Cairo de Luxor. Subsequentemente eu identifiquei nas vitrines dois outros fragmentos como pertencentes ao óstraco Gloss. Gol. Os três fragmentos se unem um ao outro e dão o texto, difícil de ler, que estou enviando a você para o seu uso. Por favor veja se há diferenças entre a sua cópia e a minha, e deixe-me saber para que eu possa examinar as peças novamente.

Este é provavelmente o meu último ano no Egito e por isso eu estou trabalhando muito na publicação do Instituto e uma grande parte do primeiro volume já está escrita. Como os óstracos encontrados na nossa escavação são tão numerosos que eu jamais poderia ter conseguido copiá-los e publicá-los sozinho, eu fui obrigado a tomar um colaborador. É Posener, um jovem e inteligente egiptologista francês. Nós colocamos ordem em nosso material e estamos trabalhando desde então juntando os fragmentos e copiando os textos. Eu tenho tomado os textos não-literários, incluindo pesos inscritos em hierático, Posener está fazendo os óstracos literários, religiosos e mágicos. Eu controlo todas as suas transcrições. Nós naturalmente vamos lhe comunicar sobre todos os textos que podem interessá-lo. Até agora Posener tem estado ocupado com os textos mais fáceis (para transcrever), especialmente as Instr. Am. I e Duauaf.

Eu escutei com prazer que você está preparando um novo volume do B. Mus. e eu lhe desejo boa sorte com este trabalho, especialmente também para o verso dos Sonhos. Eu terei prazer se puder lhe ser

útil no tocante ao último texto; infelizmente é mais do que duvidoso se eu poderei chegar à Inglaterra tão cedo.

Botti está agora em Praga aprendendo o Demótico com Lexa e antes de sair eu fiz com sucesso todo o esforço para aperfeiçoá-lo na gramática Egípcia. Ele não vai retornar a Turim, mas foi indicado para o Museu de Florença para trabalhar nos papiros hieráticos e demóticos Greco-romanos encontrados em Tebtunis.

Assim que eu tiver alguma coisa para as suas Miscelâneas L.E., escreverei novamente

Por favor, dê os cumprimentos a Mrs. Gardiner e acredite em mim.

Sinceramente sempre seu,

Jaroslav Cerny⁶

Apontamentos finais

Nesta terceira parte do artigo, reflete-se sobre a impossibilidade de distinguir, devido à sua persistência e dedicação, a vida pessoal de Cerny de sua vasta e caleidoscópica obra. Além de ser arqueólogo e filólogo da maior competência, Cerny possuía alma de investigador, o que confere emoção aos estudos por ele desenvolvidos sobre Deir el Medina: seus textos são impregnados por um tom de vibração e contentamento pela descoberta e desvelamento dos segredos escondidos nas areias do deserto. Ele foi, segundo os parâmetros de Michel de Certeau, um verdadeiro historiador: aquele que segue pistas e reconstrói enredos a partir de pequenos indícios, no caso, os registros cifrados pelas escritas hieroglífica, hierática e demóticas antigas: sabia como ninguém articular informações distintas e distanciadas pelo tempo, pelo espaço e, principalmente, pela linguagem.

Entre os inúmeros trabalhos publicados por Cerny, especificamente sobre os trabalhadores da vila, cabe salientar **A community of workmen at Thebes in the Ramesside period**, magnífica obra póstuma, organizada pelo respeitado egiptólogo francês Serge Sauneron (1927-1976), autor de cerca de duzentos livros e artigos, e publicada pelo Instituto Francês do Cairo.

Nesse volume colossal de 383 páginas, Sauneron condensou uma soma extraordinária de descobertas realizadas por Yaroslav Cerny, além de

reunir seus estudos de cunho filológico coletados em toda sorte de fontes, por ele classificadas e manuseadas pessoalmente. Entre os signos mais importantes exaustivamente analisados por Cerny, estão aqueles referentes às diferentes formas de denominação da vila dos trabalhadores. Poderia ser o Lugar da Verdade ou O lugar da Eternidade (CERNY, 1973, p.78):



Nessa obra, são descritos os inúmeros grafites encontrados, reunidos e transliterados por Cerny com o objetivo de estabelecer as genealogias dos trabalhadores da vila. Há, por exemplo, um capítulo sobre as mulheres escravas que lá residiam; outro aponta as sete categorias de trabalhadores que supriam as necessidades da vila: de água, vegetais, peixes, madeira, cerâmica, limpeza e gesso (CERNY, 1973, p.186). Entretanto, o capítulo mais interessante é o XVII, referente aos escribas da tumba.

Nele, Cerny descreve a rotina dos escribas que tomavam nota de todas as ocorrências importantes em óstracos e apenas os jogavam fora quando já tinham feito cópias dessas informações em papiros (CERNY, 1973, p.226). Os escribas viviam junto com os trabalhadores, e suas tumbas eram também muito próximas. Foi coletando os indícios por eles deixados que Cerny começou a construir as genealogias dos escribas, como, por exemplo, a de Neferhotep, Paneb e Khons, Pashed, Baki (CERNY, 1973, p.213-315).

Desde 2010, está em curso pesquisa por nós realizada sobre uma família de escribas da Tumba, cujos dados foram reunidos por Cerny. Essa investigação, empreendida sob os auspícios do CNPq, intitula-se **Correspondências de Deir el Medina: a vida cotidiana no tempo de Dhutmose: (+- 1085-1070 a.C.)**, ligando-se à Linha de *Sociedade, urbanização e imigração* do Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Em fase bastante avançada de execução, a investigação vem-se mostrando bastante profícua do ponto de vista do desenvolvimento de conhecimento organizado sobre a vida cotidiana dos antigos egípcios, se considerados os inúmeros trabalhos e publicações que ela tem gerado.

Para melhor caracterizar o percurso metodológico trilhado pela análise, bem como exemplificar o tipo de conhecimento fornecido pelo *corpus documental*, objeto da investigação, citam-se algumas indicações obtidas sobre o modo de vida no local em que as cartas analisadas foram produzidas: a vila de Deir el Medina, no período compreendido entre a XIX e a XX dinastia, fase em que a vila conheceu seus tempos de maior prosperidade.

Os mais inusitados conhecimentos de que se dispõe sobre Deir el Medina chegaram até os dias de hoje através de Dhutmose, escriba que os registrou em um óstraco, fornecendo até mesmo dados sobre sua família, inclusive seus ancestrais. As inscrições feitas por Dhutmose, um dos achados mais significativos encontrados e decifrados por Yaroslav Cerny, datam do ano 18, primeiro mês da estação do inverno, dia 18 de Ramsés XI (1098-1070 a.C.), e fornecem informações como as que seguem:

- (1) O escriba Dhutmose  filho de
- (2) O escriba Kha'emhedje  filho do
- escriba rei Harshire  filho de
- (3) O escriba Amennakhte 

A partir desses dados, Yaroslav Cerny (1889-1970) obteve uma sequência ininterrupta de seis escribas, pois o filho e o neto de Dhutmose também se tornaram **escribas reais**, denominados respectivamente como:

Butehamun



Ankhefenamun. 

Yaroslav Cerny também descobriu que Amenakhte, colocado por Dhutmose como o cabeça de seus ancestrais, era filho de um patriarca da vila

 Ipy.

A data da indicação de Amennakhte como escriba marca o início do reinado de Ramsés III (1194-1163 a.C.). Com um nome bastante comum, ele sempre é referido na correspondência como Amennakhte, filho de Ipy, o escriba (CERNY, 1973, p.342).

Amennakhte teve nove filhos. Todos foram, em várias ocasiões, designados como escribas, mas somente um se tornou o *escriba da Tumba*, o sucessor do pai: chamava-se Harshire e era, provavelmente, o mais velho de todos os irmãos.

O neto de Harshire, também *escriba da tumba*, *Dhutmose*, devido à sua preocupação em registrar o nome de seus ancestrais no óstraco, legou contribuições valiosas para o conhecimento da história de Deir el Medina, ao configurar, por exemplo, as formas de transmissão de ofícios, ou demonstrar sua preocupação com o bem-estar de seus familiares, o que fica atestado em correspondências por ele enviadas a amigos e companheiros de trabalho sempre que se ausentava da vila: elas, agora, prestam prestimosas informações sobre as condições e o modo de vida daquela comunidade.

Essas cartas, grafadas em língua neoegípcia, desenvolvida durante o Novo Império, possibilitaram a Cerny organizar um dicionário de neoegípcio e uma gramática específica dessa escrita. Ele realizou um trabalho extraordinário de transcrição dessa correspondência, havendo publicado os resultados de seus estudos em um volume portentoso, utilizado pelos interessados nessa área de conhecimento. O egiptólogo norte-americano Edward Wente publicou, em 1990, um livro, contendo a tradução dessas epístolas para a língua inglesa.

Em setembro de 2011, Waldemar Dalegonare, bolsista de iniciação científica deste projeto e falante nativo de língua inglesa, tomou a iniciativa de escrever ao prof. Edward Wente, da Universidade de Chicago, solicitando informações sobre o material por ele publicado. O referido bolsista, que foi agraciado em 2011 com carta de louvor pela apresentação deste projeto no Salão de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, recebeu, então, para júbilo de todos os participantes do grupo de pesquisa, uma carta-resposta de Edward Wente, referindo-se de forma elogiosa e qualificadora à investigação desenvolvida pelo nosso grupo. Nessa correspondência, em síntese, o prof. Wente cumprimenta a equipe pela iniciativa original e pertinente de tradução para o português dessas cartas, cuja tradução para o inglês constituiu seu projeto de vida devido à

riqueza de informações que o material acrescenta à recuperação da história de Deir el Medina e do Egito antigo. O ilustre professor recomenda, além disso, a utilização de um texto por ele produzido sobre a língua neoegeípcia e a adoção de dicionários diferenciados daqueles até então usados pelo nosso grupo.

Além dessa pesquisa, poderíamos apontar outras por nós realizadas a partir dos documentos encontrados e transliterados por Yaroslav Cerny, como, por exemplo, as vontades de Naunakhte, uma mulher livre da XX dinastia que não era serva nem escrava, casada primeiramente com o escriba Kenhikhopshef e depois com o trabalhador Khaemnun, com quem teve oito filhos. Pelo método indiciário adotado, Cerny descobriu por que ela havia deixado herança apenas para quatro dos filhos, deserdando os outros e o próprio marido. Como tal fato pode ter acontecido há cerca de 1200 a.C.?

O encontro da resposta a essa questão por si só já seria razão para inscrever de forma indelével o nome de Yaroslav Cerny como egiptólogo e investigador: para além das areias do deserto, onde a trama aconteceu, ele foi capaz de incorporar a vida dessa mulher à história da humanidade. Por tal feito, merece ser lembrado e celebrado, juntamente com a companheira que finalmente encontrou e com quem se casou, informa Irina Ruzova, no verão de 1951, com ela havendo vivido até a sua morte, em 1970, depois de ter se aposentado da Universidade de Oxford e do mais alto posto da Egiptologia Britânica, o Edwards Professor da University College London.

YAROSLAV ČERNÝ: CONTRIBUTIONS TO THE EGIPTOLOGY STUDIES AT CZECH REPUBLIC AND TO THE KNOWLEDGE ABOUT THE DAYLY LIFE OF THE WORKERS OF DEIR EL MEDINA

Summary: This article examines the participation of Yaroslav Cerny (1898-1970), egyptologist of the Czech Republic, in the discovering and analyzing the daily life of the workers of Deir el Medina. The most important source for this text is the correspondence exchanged between Cerny and several contemporaneous egyptologists. Through these letters he speaks about his investigations on the ancient writings in hieroglyphs at the village. So, the epistolography is explored as historic source both for ancient Egypt as for modern times.

Keywords: Deir el Medina, Yaroslav Cerny, epistolography, czech historiography.

Referências bibliográficas

- BAKOS, Margaret Marchiori. A vila de Deir el Medina. **Anais da XV Jornada de Estudos do Oriente Antigo**. Porto Alegre: 2009.
- _____. Relações familiares em Deir el Medina. **Phoïnix**, Rio de Janeiro, ano I, p. 153-169, 1995.
- _____. **Fatos e mitos do antigo Egito**. 2.ed. Porto Alegre: Edipuc, 2001.
- BIERBRIER, M.J. **Who was Who in Egyptology**. London: Egypt Exploration Society, 1995.
- CERNY, Jaroslav. **A community of workmen at Thebes in the Ramesside period**. Cairo: Institut Français d'Archeology Orientale du Caire, 1973 (póstumo).
- KELLER, Cathleen. **The painters of Deir el-Medina in the Ramesside period** (Dissertation submitted in partial satisfaction of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy). Berkeley: University of California, 1971.
- MACKOVÁ JÚNOVÁ Adela; ONDERKA Pavel. Selected letters of Jaroslav Cerny to Alan Henderson Gardiner. **Crossroads of Egyptology** [containing the Papers of the Egypt and Austria VI Conference], 1950.
- NAVRÁTILOVÁ, Hanna. **Selected Letters of Jaroslav Cerny to Alan Henderson Gardiner**. Oxford: The Griffith Institute Archive University of Oxford, 2010.
- MONICA, Madeleine della. **La classe ouvrière sous les pharaons: étude du village de Deir el Medineh**. Paris: Librairie D'Amérique et D'Orient, 1973.
- RUZOVA, Irina; NAVRÁTILOVÁ, Hanna. Jaroslav Cerny (1898-1970): egyptologist, diplomat and traveller. *In*: MACKOVÁ JÚNOVÁ, Adela & ONDERKÁ, Pavel. (Org.) **Crossroads of egyptology: the world of Jaroslav Cerny**. Praga: National Museum, 2010.
- RUZOVA, Irina. **The scribe of the place of the truth**. Praga: Nakladatelství, 2010.
- SANTOS, Moacir S. Jornada para a eternidade: as concepções de vida post-mortem real e privada das tumbas tebanas do Reino Novo – 1550-1070. (Tese de Doutorado) Niterói: UFF, 2012.
- SUBARA, Circe. Deir el Medina: “El pueblo sin nombre”. Disponível em: <http://www.egypt-circe.com/article-deir-el-medina-el-pueblo-sin-nombre-80128395.html>. Acessado em: 16.10.2012.
- TOSI; ROCCATI, A. **Stele e altre epigrafi di Deir el Medina**. Torino: D'Arte Fratelli Pozzo, 1972.
- ZIEGLER, C. **Os artesãos dos faraós**. São Paulo: Fundação Armando Álvares Penteado, 2012.

¹ Agradeço a Fábio Lessa e a Regina Bustamente o privilégio de participar deste XXII Ciclo de Debates em História Antiga, ao qual tenho comparecido desde sua criação há mais de duas décadas.

² Descobridor da tumba do arquiteto Kha e de sua esposa Meryt (MELLO, 1990).

³ “A necrópole ocidental começou a ser ocupada em sua porção central, com a construção de tumbas de maiores proporções em relação àquelas localizadas em Gournet Murai. As tumbas eram individuais e incluíam poços sem ordem aparente (...) os portais de tais tumbas não necessitavam de terraços e a capela era edificada com materiais dispostos de forma a manter a forma da própria montanha. Essas tumbas ocuparam uma área próxima ao muro de tijolos construído por Tothmés I, que circundava a vila. Essa área foi reconhecida a partir de 1933 por Bruyère” (SANTOS, 2011, p.160).

⁴ A biografia de Yaroslav Cerny foi publicada por Irina Ruzova, que nos concedeu uma entrevista em julho de 2012, e constitui o cerne deste histórico que expomos sobre ele (RUZOVA, 2010).

⁵ Cerny conquistou uma bolsa de estudos de dois anos para estudar os óstracos em hierático no Museu do Cairo (BIERBRIER, p.89).

⁶ Poucas e seletas cartas de Yaroslav Cerny foram analisadas e publicadas por Hanna Navrátilová, as quais estavam arquivadas em Oxford. Esta é uma das mais expressivas no que tange às relações de trabalho e de confiança mútua existentes entre emissor e receptor (NAVRÁTILOVÁ, p.37).